

REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL¹

Polyana Gabriella Martarello – polymartarello@gmail.com
Curso de Graduação em Engenharia Mecânica – UFSC
88.040-001 – Florianópolis – SC

Polyana Werncke Coan – polyanacoan@gmail.com
Curso de Graduação em Engenharia Mecânica – UFSC
88.040-401 – Florianópolis – SC

Resumo: *As redes sociais vêm se mostrando cada vez mais uma ferramenta revolucionária para a mobilização de massas, tanto pela velocidade de transmissão de informação quanto pela popularidade e baixo custo. Aparelhos móveis, como notebooks, celulares e tablets, associados a plataformas virtuais, como Facebook e Twitter, são instrumentos que facilitam a mobilização social, ao atingirem de forma instantânea e simultânea um grande número de internautas. Este artigo apresenta discussões sobre este assunto baseadas nas recentes manifestações que vêm se propagando em todo o globo e em especial no Brasil.*

Palavras-chave: *Internet, Redes Sociais, Política, Manifestações sociais.*

1 INTRODUÇÃO

A Era da Informação, caracterizada pelo grande desenvolvimento das telecomunicações, refere-se ao período de revolução da microeletrônica com surgimento e consolidação da Internet, um dos principais meios de comunicação atuais. Apesar de ainda lutarmos no Brasil pela inclusão digital, essa mídia revolucionou a forma de pensar, agir, comunicar, organizar e nos relacionarmos. Distância e tempo, que já foram grandes obstáculos da comunicação e interação humana, tornaram-se insignificantes no processo comunicativo.

O surgimento de blogs, sites de compartilhamento e principalmente das redes sociais criou um novo cenário que ampliou o acesso à informação, além do número e variedade de fontes. As redes sociais mostraram-se poderosas ferramentas de organização política da sociedade, abrindo novos caminhos para exigir dos nossos representantes aquilo que nos é de direito.

Muitas manifestações que atualmente começam em páginas virtuais se estendem para as ruas, e esse tem sido o grande tormento das autoridades mundiais. Em 2011, por exemplo, a Primavera Árabe mostrou que as manifestações através das redes sociais são essenciais para a criação de uma situação política em questionamento aos ditadores. Diante de um regime autoritário, cidadãos do Egito e da Líbia encontraram na internet um espaço para discutir e se unir contra o governo. Tais mobilizações colocaram em xeque ditadores que estavam há décadas no poder. (CASSIANO, 2011)

Vivenciou-se recentemente no Brasil uma mobilização em massa com grande repercussão nacional e internacional. Sem uma posição política ou ideológica definida, os manifestantes conseguiram catalisar o sentimento latente de insatisfação da

¹ Artigo escrito como tarefa da disciplina EMC 5004 Tecnologia e Desenvolvimento, do Curso de Graduação em Engenharia Mecânica da UFSC, no semestre 2013-1.

sociedade. Os protestos surgiram, inicialmente, para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público e ganharam forte apoio popular depois da repressão violenta e desproporcional que foi promovida pelas polícias militares estaduais contra algumas passeatas. Em resposta às maiores manifestações populares realizadas no Brasil, o governo brasileiro anunciou várias medidas para tentar atender às reivindicações dos manifestantes, levando o Congresso Nacional a votar uma série de concessões.

O uso massivo das redes sociais – notadamente Twitter e Facebook – foi fundamental para reunir adeptos para a revolta popular. Elas serviram não apenas para organizar as manifestações, mas para informar quase que instantaneamente os seus desdobramentos através de textos, fotos e vídeos que eram postados nos servidores do Twitter, do Facebook e do Youtube, possibilitando ao mundo ter acesso aos acontecimentos e conhecer a real dimensão das manifestações. As redes sociais assumiram assim o papel de garantidores da liberdade de expressão e informação.

Assim, o objetivo deste trabalho é abordar este modelo de mobilização que faz intensivo uso da internet e de suas plataformas virtuais para atingir e associar o maior número possível de pessoas em lutas por causas sociais.

2 A COMUNICAÇÃO VIA REDES SOCIAIS

A partir do momento em que o homem passa a viver em sociedade, a comunicação torna-se inevitável, uma vez que surge a necessidade de trocar informações, registrar fatos e expressar ideias e emoções. A primeira forma de comunicação entre os homens, provavelmente, era através de gestos, posturas, gritos e grunhidos. Nesse sentido, conforme as necessidades surgiram, o homem lançou mão de sua capacidade racional para desenvolver novos mecanismos de comunicação. Em síntese, temos um processo crescente onde o homem desenvolveu a pré-escrita, a escrita, o papel, as impressões manuais e mecânicas. Após séculos de desenvolvimento tecnológico na área da comunicação e informação, o mundo vivencia a Era da Informação, caracterizada por invenções tais como o microprocessador, a rede de computadores, a fibra óptica e o computador pessoal, tornando a Internet o principal veículo de comunicação da sociedade contemporânea.

A disseminação e a popularização da rede se deu no ano de 1990, tornando-se gradativamente no que conhecemos, e hoje tornou-se indispensável para nossas vidas, pois estar conectado à rede mundial é uma fonte de conhecimento, interatividade, diversão e acima de tudo de comunicação. Uma pesquisa com jovens de até trinta anos de quatorze países, realizada recentemente pela empresa de tecnologia Cisco e divulgada no site do jornal Folha de S. Paulo, mostrou que, de três em cada cinco estudantes e jovens profissionais do Brasil, a internet é tão importante quanto água, comida e moradia.

A maior parte das interações entre as pessoas se dá através de alguma plataforma tecnológica. Em função disso, o termo rede social, que apesar de existir há muito tempo, ganhou maior atenção e popularidade com o crescimento de ferramentas como o Facebook, o Youtube, o Flickr, entre outras. Rede social, por definição, é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes é a sua abertura e porosidade, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. As redes sociais *on-line* podem operar em diferentes níveis, como por exemplo redes de relacionamentos (Facebook, Orkut, MySpace, Twitter, Badoo), redes profissionais (LinkedIn), redes

comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades), redes políticas, dentre outras. Um ponto em comum entre os diversos tipos de rede social é o compartilhamento de informações, conhecimentos, interesses e esforços em busca de objetivos comuns.

O Facebook é a rede de relacionamento mais difundida no mundo hoje. Segundo o *site socialbakers.com*, especializado em estatísticas de redes sociais, o Facebook tinha, em junho de 2011, algo próximo de 750 milhões de usuários ativos. Em maio de 2013, a companhia divulgou que já tem 1,11 bilhão de usuários ativos mensais, um aumento de 23% em relação ao primeiro trimestre do ano anterior. Outro número importante, que mostra como a rede é presente no dia a dia dos usuários é o número de usuários diários. Segundo o Facebook, 665 milhões de pessoas acessam a página pelo menos uma vez por dia.

3 ATIVISMO POLÍTICO, DEMOCRACIA E REDES SOCIAIS

A noção de que a união faz a força e o fato de um grupo de pessoas se reunir para reivindicar algo não é nenhuma novidade. Descontentamentos nos âmbitos político, econômico e social sempre existiram e há muito tempo são motivos para as pessoas irem às ruas protestarem, lutando por um objetivo comum. Então o que há de novo nas mobilizações atuais?

A novidade está na forma como essas mobilizações são concretizadas, ou seja, as ferramentas utilizadas para disseminar os motivos das reivindicações e principalmente organizar os movimentos a fim de se obter maior êxito. No passado as Universidades e Instituições de Ensino eram o principal meio de disseminação de novas ideias e ações na esfera política, era nas aulas que professores e alunos discutiam suas ideias evidenciando necessidades sociais, culturais e políticas. Hoje são as redes sociais as grandes responsáveis pela revelação das necessidades que assolam a sociedade, e basta um computador para que se inicie uma revolução. Cabe ressaltar que as redes são apenas ferramentas nas quais o conteúdo veiculado depende apenas dos atores sociais, ou seja, é a partir da relação entre os usuários que elas se constroem. Por isso, a rede é uma construção coletiva, horizontal, multifacetada e compartilhada. Isso a torna um local sem hierarquia, uma vez que todos têm os mesmos direitos no campo virtual e é, nesse local, que os ativistas encontram espaço para disseminar pensamentos livremente e atingir pessoas de diversos locais para transformar ideias em ações coletivas.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), do México, é tido como o primeiro caso de mobilização com significativa utilização da internet e repercussão no ciberespaço. Em 1994, uma ampla rede envolvendo ativistas de direitos humanos, movimentos diversos e simpatizantes da causa foi estabelecida, sobretudo a partir de *e-mails* e *sites*. Recentemente, o Brasil protagonizou um dos maiores movimentos sociais da sua história, em plena Copa da Confederações, mobilizando milhares de pessoas em diferentes regiões do território nacional e em pequenas proporções em territórios internacionais. Mais uma vez uma manifestação, seguindo as dinâmicas da Primavera Árabe – indignação, protestos, ocupação de praças etc. – e explorando a capacidade de organização dos cidadãos potencializada pelas redes sociais, acontece num país com plena legitimidade e garantias democráticas, tal como o movimento 15M na Espanha, que surgiu após uma passeata no dia 15 de maio de 2011. Esses novos movimentos fazem repensar sobre o atual modelo de democracia gerando uma nova cultura democrática. Essa não é a primeira vez que um tipo de mídia tem forte influência no modo de fazer política; a cada nova mídia que surge, novos hábitos e práticas são gerados.

Para o jornalista britânico Malcolm Gladwell (2010), “a revolução não será tuitada” – título de seu texto. Gladwell afirma que a falta de hierarquia nas redes sociais dificulta o desenvolvimento efetivo de uma mobilização social séria:

As redes não são controladas por uma autoridade central e única. As decisões são tomadas por consenso, e os vínculos que unem as pessoas ao grupo são frouxos. [...] As redes sociais são eficazes para ampliar a participação – mas reduzindo o nível de motivação que a participação exige. (GLADWELL, 2010)

Gladwell defende a importância da hierarquia em uma mobilização com objetivo de combater um sistema poderoso e organizado, uma vez que é necessário pensar e agir de forma estratégica, caso contrário ela fica suscetível a conflitos e a erros. Ele acredita que as redes sociais podem até ser flexíveis, adaptáveis, fáceis e rápidas, porém os vínculos a partir das redes são fracos e raramente conduzem a um ativismo mais denso, longo, e não imediato.

A rede social é um local para debates, porém as mobilizações não devem se limitar apenas nas formas de protestos *on-line* através do computador, *notebook*, *tablet* ou celular, e, para alcançar os objetivos, é preciso ir às ruas para protestar. Os ativismos começam nas cibercomunidades estendendo-se para o campo físico, na tentativa de conquistarem seus ideais.

As manifestações brasileiras de 2013 mostram ser muito fácil tornar-se um ativista a partir das redes sociais, já que o campo virtual é livre e democrático, mas essa facilidade não implica que qualquer indivíduo possa liderar uma mobilização. Para isso é necessário um nível mínimo de conhecimento do que se pretende defender, estar muito bem informado, além de ter atitude em propor ações que coordenem o movimento a fim de se obter boas soluções para os problemas expostos.

4 O GIGANTE ACORDOU

O Brasil vivenciou este ano um período, sem dúvida, histórico. Uma onda de protestos tomou conta das ruas das principais cidades brasileiras e levou milhões de pessoas às ruas a fim de lutar por um país melhor. O que se iniciou com uma passeata do movimento organizado intitulado Movimento Passe Livre (MPL) contestando o aumento das tarifas do transporte público tomou proporções inimagináveis. A insatisfação é geral contra os problemas que assombram a nação. As causas pelas quais os protestantes aderiram passaram a ser não só os R\$ 0,20 referentes ao aumento tarifário, mas também à corrupção, aos gastos excessivos com a realização da Copa do Mundo, ao descaso do poder público com os interesses da população, à falta de investimentos em saúde, educação, transporte etc.

“O gigante acordou” foi uma das frases mais faladas nos últimos tempos, e é como se a população estivesse dormindo durante todos esses anos alheia a toda a bagunça que se instaurava. O fato é que o povo finalmente entendeu a força que representa e que aquele velho ditado popular “a união faz a força” funciona.

Dentro desse contexto, as redes sociais tiveram um papel imprescindível para a disseminação dessas manifestações. Os primeiros protestos – aqueles que buscavam a redução das tarifas dos transportes públicos – foram organizados via Facebook. No entanto, o que há de se considerar é a velocidade do alastramento dessas manifestações que as redes sociais proporcionaram. Talvez as pessoas não tivessem aderido ao movimento tão rapidamente se estivessem acompanhando apenas o que a TV

transmitia, visto que a mídia brasileira tem como característica a imparcialidade, pois – se tratando de empresas privadas – tem seus interesses políticos e comerciais para zelar.

Em pouco tempo, as *hashtags* #VemPraRua, #MudaBrasil, #OGiganteAcordou tomaram conta de redes sociais como Twitter e Instagram, motivando e instigando as pessoas a irem para as ruas e fazerem a sua parte. De acordo com um levantamento feito pela empresa Scup para o jornal Estado de São Paulo, mais de 79 milhões de pessoas foram atingidas através do compartilhamento de conteúdo sobre as manifestações nas redes sociais só nos primeiros dias de protestos. Esse número pode ter alcançado um número ainda maior de internautas no desenrolar dos acontecimentos. “O monitoramento mostra que essas mensagens chegam a todas essas pessoas”, afirmou ao jornal Eliseu Barreira Junior, gestor de comunicação da consultoria.

Todavia, um movimento como este, sem líderes e sem um foco principal, está suscetível a erros. O que de fato aconteceu. Uma pequena minoria diante dos milhões de brasileiros que protestavam pacificamente agiu de maneira violenta, destruindo o patrimônio público e entrando num conflito direto com a força policial. Esse comportamento mostra que as redes sociais podem ajudar na ampliação da participação popular numa manifestação, mas sem organização e na falta de um foco concreto, o caos pode ser inevitável, comprovando os pensamentos de Gladwell.

O fato é que todo esse movimento não foi em vão, e, certamente, o Brasil não será mais o mesmo após esse episódio. O povo brasileiro foi às ruas, mostrou a sua insatisfação, se mostrou um povo unido, não mais alienado e, sobretudo, engajado na luta por um país melhor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais revolucionaram de fato a forma de comunicação da sociedade contemporânea. A grande revolução que ocorreu é que agora a internet está sendo reconstruída em torno das pessoas. No começo da internet, acessávamos *sites* quase como se fosse uma biblioteca virtual e depois deixávamos a internet para nos comunicar com o mundo “lá fora”. Hoje, o mundo “lá fora” foi inserido na internet. Através das redes sociais acompanhamos o crescimento de familiares, comentamos, divulgamos, opinamos, discordamos.

Com o advento das redes sociais a tecnologia finalmente alcançou a humanidade. Por meio delas, o compartilhamento da informação tomou proporções gigantescas fazendo tremer as estruturas do poder político, econômico e midiático das elites dominantes. As redes sociais passaram a ser o palco para a expressão livre e sem fronteiras de ideologias, insatisfações, pensamentos, reivindicações, mobilizações etc. E isso contribuiu em muito para a expressão mais ampla do espírito democrático e participativo da sociedade na construção de sua própria história e, principalmente, de seu futuro.

As reivindicações do povo brasileiro que foram para às ruas em junho de 2013 mostrou que o potencial de participação e mobilização é extraordinário no Brasil. Devido ao momento de relativa estabilidade econômica e política, esse potencial ainda não se concretizou em toda sua dimensão. Entretanto, em hipótese alguma essas ações devem ser subestimadas; aos primeiros sinais de desconcerto ou tensão social mais pronunciada, pode-se ter certeza de que todo esse potencial será posto em prática. Sem perceber, os brasileiros estão aprendendo os princípios do ciberativismo nas suas ações diárias na rede, e essas habilidades poderão sim ser canalizadas politicamente em momentos de maior tensão no cenário político e econômico.

Ficou muito claro que se as pessoas querem modificar as políticas não bastam somente críticas na internet. É preciso tornar-se visível, desafiar a ordem estabelecida e ocupar as ruas, pois esta é a principal forma de alcançar tal visibilidade. Entretanto, também não basta que as pessoas apenas se levantem do sofá de casa e mostrem suas caras de indignação nas ruas. “Não se apaixonem por si mesmos. Esse movimento todo é lindo, mas o que importa é: o que vai mudar?”, disse o filósofo esloveno Slavoj Žižek, durante o Occupy Wall Street em 2011. Essas manifestações só resultaram em soluções concretas para os problemas que afligem o país se a população tiver foco na hora de reivindicar. A lista é imensa, mas é preciso dar um passo de cada vez, só assim o movimento adquirirá força suficiente para promover as mudanças necessárias.

6 REFERÊNCIAS

AZUMA, E. Considerações Iniciais Sobre a Internet e o seu uso como Instrumento de Defesa dos Direitos Humanos, Mobilização Política e Social. *Revista da Faculdade de Direito da UFPR*, América do Norte, 43, jan. 2007. Acesso em: 28 de junho de 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/view/6995/4973>.

LOPES, Gustavo Chaves. *O papel das redes sociais como ferramenta de mobilização política da sociedade: uma análise da “Primavera Árabe”*. Universidade de Brasília, 2011.

CASSIANO, Adriele Machado. *Ativismo a partir das redes sociais*. Universidade de São Paulo, 2011.

<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/426/373>

PEREIRA, Marcus Abílio, Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. *IV encontro da cosmopolítica*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>

Entrevista com Ronaldo Lemos. *Revista IHU ON-LINE*. Acesso em: 27 de junho, 2013. Disponível em:

http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=41&cod_noticia=18864

ROSSI, Claudia. *Revista Sociologia, MÍDIAS SOCIAIS: rumo à democracia participativa?* edição nº46. Acesso em: 27 de junho, 2013. Disponível em:

<http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/37/artigo238948-4.asp>

WIKIPEDIA. Movimento de indignados 15-M. Acesso em: 27 de Junho, 2013. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Movimiento_de_indignados_15-M.

SALDAÑA, PAULO. Pelas redes sociais, 79 milhões falam de um só tema. *Agencia Estado*. Acesso em: 27 de junho, 2013. Disponível em:

<http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not274039.shtm>

SOCIAL NETWORKS AS A TOOL OF SOCIAL MOBILIZATION

Abstract: *Social Networks has been proving itself a revolutionary tool for mass mobilization due to its information transmission velocity, popularity and low cost. Mobile devices such as laptops, phones and tablets, associated with virtual platforms, such as Facebook and Twitter are tools that facilitate social mobilization, to achieve instantly and*

simultaneously a large number of Internet users. This article presents discussions on the subject based on recent demonstrations that has been spreading across the globe and especially in Brazil.

Keywords: *Internet, Social Networks, Politics, Social mobilization.*